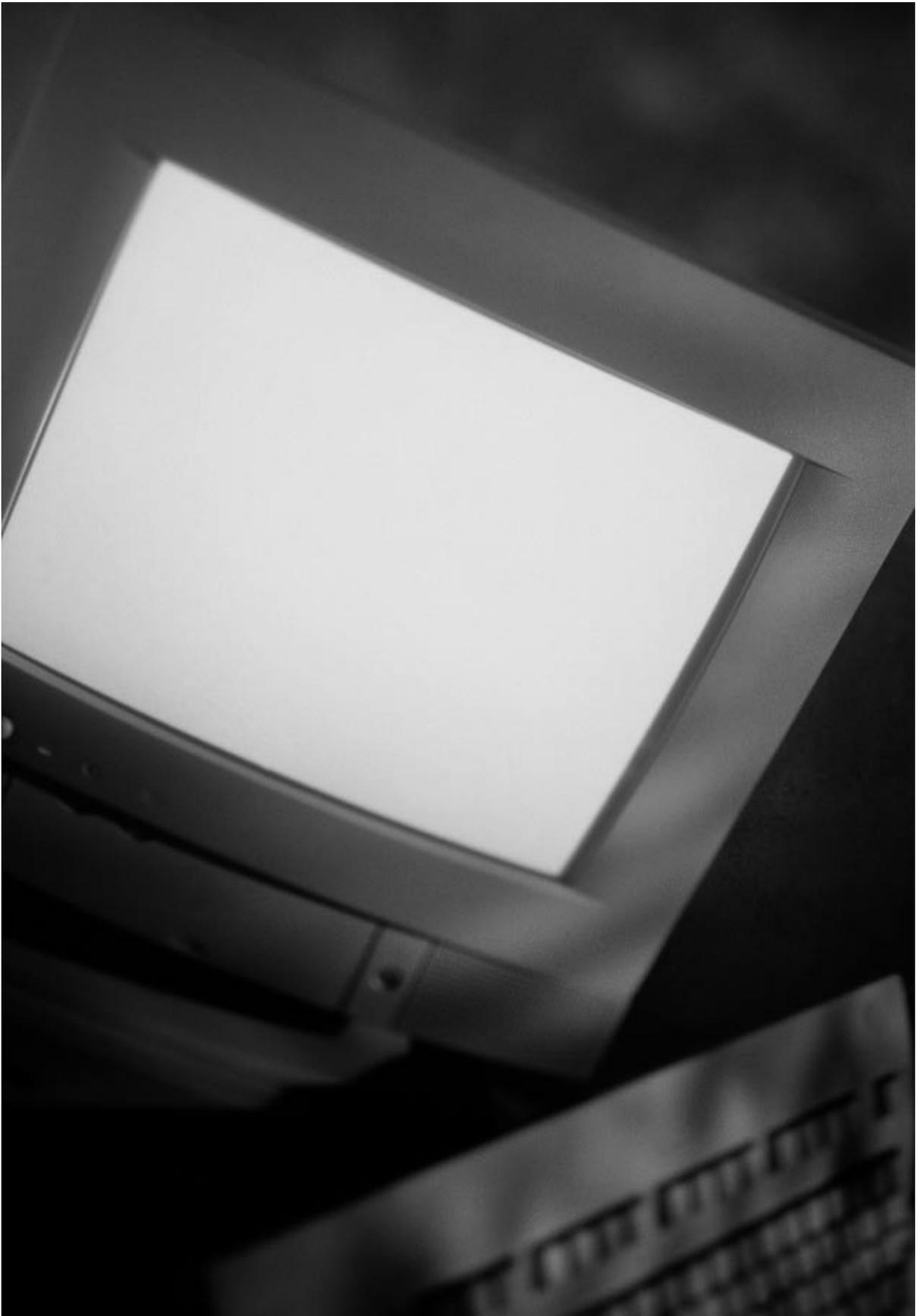


notícias



O Ano do Brasil na França: uma aquarela do Brasil plena de vigor¹

FRANÇOISE PLOQUIN

Numa recente encenação (1977) da *Vie parisienne* de Offenback, montada na Comédie française, em Paris, por Daniel Mesguich, o comico entrava no palco vestido de um elegante terno branco. Todos os personagens então na cena o rodeavam enquanto ele cantava com pinta de muito conhecedor "do brasileiro". Quando ele terminava seu trecho "Je suis brésilien, j'ai de l'or/ et j'arrive de Rio de Janeiro/ vingt fois plus riche naguère/ Paris, je te reviens encore!/ Paris! Paris!"², os atores se distanciavam e o brasileiro aparecia em uniforme verde e amarelo de jogador de futebol, dançando samba sob os aplausos do elenco e do encantado público. Tudo estava reunido para agradar a sala: a música, a dança, o futebol e a memória dos lugares históricos que, por gerações, tornaram a França e o Brasil países amigos.

A atribuição do Premio Goncourt 2001 a Jean-Christophe Rufin pelo seu livro *Rouge Brésil*, evocando a história de dois jovens bretões que descobrem o Brasil no século 16, não está separada da recente voga do Brasil na França³. Com venda superior a 400 mil exemplares, esse volumoso romance fez renascer nos leitores o sentimento de um conhecimento da natureza e de uma vida em harmonia com a imensidão dos espaços que, na imaginação européia, caracterizam o Brasil. A chegada ao poder do presidente Lula acentuou a simpatia dos franceses por esse povo

1. Tradução do francês para o português de Ana Claudia de Oliveira.
2. A tradução da letra é nossa: "Eu sou brasileiro, tenho ouro/ e eu chego do Rio de Janeiro/ vinte vezes mais rico que antes/ Paris, eu te reencontro ainda! Paris! Paris!".
3. O livro foi traduzido no Brasil como *Vermelho Brasil*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.



Figura 1

da América que se direcionou a uma democracia popular. Enfim, a vitória inesperada da França sobre o Brasil por ocasião da Copa do Mundo de futebol em 1998 ("... e um, e dois, e três, zero!" tornou-se um feliz refrão) duradouramente marcou toda a população. O parêntese francês entre dois triunfos mundiais da seleção foi visto como uma boa partida jogada entre os grandes mestres da bola mais do que como uma supremacia que teria mudado de campo. Merece salientar que a bandeira brasileira é uma das raras que um francês pode aceitar usar na sua camiseta, em todo caso mais facilmente do que aquela de seu próprio país...

MODERNIZAR OS ESTEREÓTIPOS

Foram com esses dados largamente positivos que os organizadores do Ano do Brasil na França projetaram o evento⁴. Em grandes cartazes, o título dado à

4. *Brésil, Brésils, o Ano do Brasil na França* foi organizado no Brasil pelo Comissariado-Geral brasileiro, o Ministério da Cultura e o Ministério das Relações Exteriores (Comissário-Geral: André Midani) e na

operação "Brésil, Brésil" (Figura 1) indicava a tonalidade do conjunto das numerosas manifestações previstas entre março e dezembro de 2005 em toda a França. Tratava-se de oferecer do Brasil a imagem de uma sociedade capaz de integrar as diversidades culturais. Os organizadores quiseram mostrar que esse país, apesar de alguns sobressaltos de violência, conseguiu conciliar as tradições indígenas, africanas e portuguesas e ter seu lugar no mundo moderno, mostrando com isso a possibilidade de um real diálogo entre as culturas. A abertura, gratuita ao público, de um vasto espaço, aquele do Carreau du Temple em Paris, de 25 de junho a 11 de setembro de 2005, confirma de maneira sóbria, elegante e rigorosa, pelas obras culturais, a diversidade e a complementaridade dos componentes do país. A grande sala abrigava um auditório, um palco e espaços de exposição dos quais uma parte se renovava semanalmente, deixando lugar aos estados brasileiros que apresentam, cada um a seu turno, suas produções artísticas. Essa apresentação bem sucedida mostra maravilhosamente como os artistas chegaram a modernizar os estereótipos para os redinamizar. A montagem dos lugares incluía um espaço reservado à arte popular em ligação direta (e recíproca) àquele dedicado à arte contemporânea. A arte popular, que não se assemelha ao folclore, é de uma vitalidade surpreendente. Um testemunho disso é dado pelas cerâmicas de Ulisses Pereira, com as suas formas híbridas de homens e animais, os batalhões de soldados vermelhos e pretos em forma de boliches da família Kwa Kwa ou os grupos de homens comprimidos em madeira policromática de Maurício Araújo. Essa arte popular extremamente viva é povoada de evocações dos seres sagrados da floresta e do rio. Nessa cultura mestiça se dissolvem estranhamente os limites entre sagrado e profano. O espaço reservado à arte contemporânea permite discernir sob o universal as origens brasileiras. A maneira como um grande número de artistas leva à contemplação das matérias naturais desperta particularmente muita atenção e coloca o espectador no ponto de passagem entre a observação da natureza, como a teria podido praticar o homem primitivo, e o olhar clínico que pode debruçar sobre elas um pesquisador científico. A exploração das matérias de Nelson Felix (magnífica madeira ondulada ou vasta concha de mármore fixada em uma forte sustentação de ferro), de Marcos Coelho Benjamin (telas estendidas sob círculos de madeira) ou de Marcelo Silveira (peças de madeira trabalhadas de modo a mostrar tanto a homogeneidade quanto a heterogeneidade) são particu-

França, pelo Commissariado-Geral francês, o Ministère des Affaires étrangères, o Ministère de la Culture et de la Communication e L'Association française d'action artistique. Presidente do Commissariado: Jean Gautier, Comissário-Geral: Jean-François Chougnnet. Comissário-Geral adjunto: Raphaël Bello.

larmente características dessa tendência. Poder-se-ia citar também Cildo Meireles Parla, que conjuga o granito, a madeira e o couro; Hilal Sami Hilal, que joga com as páginas de escrituras cravadas no couro, ou José Patrício, que apresenta espécies de imensas tapeçarias compostas de formas geométricas realizadas com pequenas peças metálicas como dominós. Prolongamento dessa mesma atitude, outro campo exploratório dos artistas expostos é que eles conseguem tornar magnífico o ordinário. As fotos em preto-e-branco de Roumen Koynov tomam como sujeitos camponeses, meninos de rua, paisagens e exprimem uma evidência da presença que o espectador não pode interpretar a não ser como um orgulho de existir. Enfim, contrariamente ao universo de desesperança sensível reinante na maioria das exposições de arte contemporânea, o humor anima a maioria dessas obras. A instalação de Eder Santos "entradas na Enciclopédia da ignorância", os vídeos de Rivane Neuenschwander e Cao Guimarães e aquela que não se cansam de admirar, de Lula Wanderley, "A arte é o futebol sem bola" (dribles, passagens de pernas, tiros ao gol sem bola visível!) reconfortam o espectador com uma distância benfeitora, tomada em relação às dificuldades da vida. Da multiplicidade das exposições, a mais importante, *Brésil indien*, organizada no Grand Palais, de 23 de março a 27 de junho e foi visitada por um grande público. Ela se apoiava sobre os trabalhos de numerosos arqueólogos e etnólogos franceses, Roger Bastide, Paul Rivet, Alfred Métraux e Claude Lévi-Strauss, que contribuíram para um melhor conhecimento das terras brasileiras.

O AROMA BRASILEIRO

É a música, no entanto, o arranjo exponencial dessa programação⁵. Certos eventos foram criados especialmente para o *Ano do Brasil*, tal como a ópera brasileira a 60 vezes *Ser Minas tão Gerais*, com um coro de crianças de Minas Gerais no Théâtre des Champs Elysées, ou o convite de 1.500 alunos na sala do Zénith para escutar Lenine ou, enfim, o imenso concerto a céu aberto ocorrido na Praça da Bastille comandado por Gilberto Gil em 13 de julho (véspera da festa nacional). A música brasileira se infiltrou em todos os cantos, animando as manifestações habitualmente programadas a cada ano. Seu Jorge participava do *Printemps* de Bourges. No dia da

5. O cinema foi bem representado com o 7º Festival do Cinema Brasileiro de Paris (Cinéma L'Arlequin, de 13 a 19 de abril de 2005) que homenageou Fernanda Montenegro e Paulo José apresentando na programação retrospectiva dos filmes, nove produções inéditas na França que concorreram a prêmios.

Festa da Música⁶, um desfile de escola de samba embalado por *Tudo vai bem* e *Ilé Axé* abria a noite diante da Maison de l'Amérique latine, no boulevard Saint Germain, antes que um grande concerto fosse apresentado na sala de honra do Senado com a participação da *Velha Guarda da Portela* e *Funk n'Lata*. Tudo isso enquanto Chico César apresentava-se com o pianista africano Ray Lema em Saint Denis na periferia parisiense. No mesmo dia, a RATP propunha uma balada musical em ônibus pela "Paris de Janeiro", em parceria com a Radio Latina. Em eco a essas manifestações, todas as rádios tocaram muito mais música brasileira do que em outros anos, consagrados à Algéria, à Polônia ou, no ano anterior, à China. Essa ocupação pelo Brasil de todos os espaços culturais disponíveis contribuiu para reverberar no ar um perfume muito particular. Tudo era aromatizado ao gosto brasileiro.

Deseja passear no jardim de Bagatelle? Você encontra lá com Frans Krajcberg, que apresenta *Vila-floresta* (de 4 de junho a 16 de outubro). Deseja levar seus filhos durante as férias ao Palais de la Découverte? Encontrará lá de 19 de abril a 28 de agosto a exposição *Amazônia Brasil*. Busca calma do Musée de la Vie romantique? Eis lá a Coleção Brasileira. Dirige-se você em direção ao Musée d'Orsay? É para descobrir a fotografia brasileira do século 19. O que ocorre na Cité de la Musique? Um programa de MPB. Vai ao Parque de la Villette? Encontra-se lá o que se chama *Villette Brésil(s)*. Quanto a Paris-Plage, a maioria das atrações e concertos é brasileira e, mesmo se você não faz mais do que atravessar a praça do Hôtel de Ville, é convidado a jogar vôlei de praia, uma especialidade brasileira...

Em todos os cantos da França flutua um aroma brasileiro. Até no metrô parisiense há uma série de cinco anúncios exaltando o país: um declina em letras amarelas e azuis e de tamanhos variados, sobre um fundo verde, a palavra "Brésil"; os outros quatro, espalhados por todos os lados, sobretudo na estação Champs-Élysées, se conjugam em torno de um *slogan* comum: "Le monde se trouve au Brésil" (O mundo se encontra no Brasil): um enumerando os países fronteiriços, o outro a quantidade de praias, de florestas e de parques nacionais, reforçado por um terceiro cartaz que fornece o número de espécies de animais, de laboratórios de pesquisa e de pesquisadores e um quarto cartaz destacando as escolas de samba e os sítios históricos e arqueológicos (Figura 2). A preocupação ecológica sensível nessa paragem foi um dos pontos de destaque do encontro entre os dois presidentes, quando das cerimônias organizadas para a festa nacional de 14 de julho.

6. NT. Ocorre na França na abertura do verão: 21 de junho.

Figura 2



OS VALORES PARTILHADOS

Com efeito, o ponto culminante foi a vinda do presidente Lula da Silva, que assistiu ao desfile da festa nacional de 14 de julho. A presença de fuzileiros navais sobrevoados por um esquadrão de aviões brasileiros constituiu o aspecto visível dos encontros políticos, entre os quais alguns tinham efetivamente caráter militar, uma vez que a cooperação no domínio da aeronáutica foi reforçada pela compra de aviões militares franceses pelo Brasil. No plano econômico, os dois presidentes lembraram que o Brasil é o maior parceiro da França na América Latina e a França o quarto fornecedor do Brasil. Sobre o eixo diplomático, os dois países defendem convicções conhecidas, que são as implicações planetárias do amanhã. A França e o Brasil são parceiros constantes na busca de soluções para lutar contra a fome no mundo. Por razões históricas diferentes, um e outro experimentam um interesse comum pelos problemas da pobreza na África. O presidente Chirac convidou o presidente Lula a acompanhá-lo no estabelecimento de impostos de solidariedade

internacional. Uma taxaço sobre as passagens de avião poderia permitir financiar a ajuda aos países mais pobres. Esse mecanismo inovador de financiamento foi aprovado na declaração comum de 15 de julho de 2005. Com posiçoões avançadas no domínio da ecologia, o presidente Lula ensejou que a França se tornasse parceira do Brasil na produçoão de biodiesel. A pesquisa de um carburante alternativo como o etanol teria a vantagem de gerar empregos na zona rural ao mesmo tempo em que assegura uma independência energética dos países produtores. O discurso dos dois presidentes repousa sobre valores comuns: o homem está colocado antes do mercado. Assim, uma cumplicidade natural aproxima os dois países afrontados com a atual força dos Estados Unidos. Essa proximidade traduz-se em algumas atitudes diplomáticas: a França sustenta a candidatura do Brasil para uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU, no qual os dois países ainda buscam os meios de encontrar uma soluçoão para a questão do Haiti.

Pela Guiana, a França partilha, nos 700 km de divisa com o Brasil, sua mais longa fronteira comum. Dois parques nacionais, um existente no Amapá e outro a ser criado na Guiana, vão permitir o engajamento de uma ação de cooperaçoão econômica, ecológica e turística. Em breve, os dois países estarão ligados por uma ponte de construçoão altamente simbólica!

Se, em princípio, o Brasil gozava na França de uma imagem simpática, a variedade surpreendente das manifestaçoões desencadeadas pelo *Ano do Brasil* fez o público francês descobrir um país que soube conservar relaçoões estreitas com a natureza, tanto nas inspiraçoões artísticas quanto na pesquisa ecológica, e que soube entrar no mundo moderno sem perder suas tradiçoões – o que a música testemunha largamente... Só tamanha vitalidade podia dar a essa sociedade a força para absorver e dissolver contradiçoões e dificuldades que não cessam, portanto, de ser visíveis.

FALAR SUA LÍNGUA, COMPREENDER A DO OUTRO

Restaria dar destaque ao pertencimento desses dois países ao conjunto dos países de línguas latinas. Se se juntassem para desenvolver a compreensáo lingüística mútua (o que a escola primária poderia largamente propor a todos), reuniriam uma vasta comunidade de mais de 400 milhões de locutores dispondo de um capital literário, intelectual e artístico impressionante, tanto no que concerne a seu patrimônio quanto à sua criatividade⁷. Como sublinhava o presidente Lula: "*Existe uma*

7. As experiências desenvolvidas pelos grupos de pesquisa (Eurom 4, Galatea) mostram que em 50 horas um locutor de uma língua latina pode dominar a compreensáo escrita de três outras línguas.

consciência crescente da parte do povo francês e do brasileiro que nós podemos fazer muito mais se acreditarmos mais nas nossas relações". Essa aproximação se fará mais rapidamente se a questão da compreensão lingüística for realmente abordada⁸. Que cada pequeno francês possa ler e compreender o Português, assim como o Italiano e o Espanhol e, de igual modo, que cada pequeno brasileiro seja também capaz de compreender as outras línguas latinas, eis um objetivo para os anos vindouros, que, mais do que a construção de uma ponte, reaproximaria estreitamente dois povos que partilham as mesmas convicções, os mesmos valores e os mesmos combates.

FRANÇOISE PLOQUIN é professora concursada de Língua Francesa. Dirige a revista *Le Français dans le Monde*. É autora de numerosas obras didáticas e incentivadora (mediante a organização de eventos e reuniões científicas) do ensino do Francês como língua estrangeira no mundo.

www.fdlm.org

*Texto encomendado no final do primeiro semestre,
recebido e aprovado em 19 setembro de 2005.*

Nesse experimento, os franceses se revelaram os mais lentos (60/70 horas) e os lusofones os mais rápidos (50 horas).

8. Pode-se lamentar que o ano do Brasil não contribuiu para promover uma ação para um ensino reforçado das línguas estrangeiras, em particular das línguas latinas. Detalhe lastimável: pequenos braceletes foram distribuídos com a inscrição "Brasil touch"!